

TRANS - CORES (IN) VISÍVEIS: A INVISIBILIDADE DA COMUNIDADE TRANS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS E DE TRABALHO FORMAL

*Eixo Temático: ET 14 - Expressões de Gêneros e Sexualidades no Espaço da
Escola*

Rosilaine Cristina Silva¹
Guilherme Augusto da Silva Gomes²

RESUMO

Esta comunicação apresenta o que foi a “Semana Nacional do Livro e da Biblioteca”, realizada pelo Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Uberlândia. Evento ocorrido entre os dias 29 de outubro a 01 de novembro de 2018, com tema “Trans - Cores (In) visíveis: a invisibilidade da comunidade Trans nos espaços educacionais e de trabalho formal”. Durante o evento foram realizadas atividades artísticas, culturais e de incentivo ao diálogo e reflexão. Entendemos que o evento contribuiu com o processo de formação social e educacional das pessoas envolvidas, colaborando na construção de cidadania, dignidade e visibilidade. Por fim, acreditamos que o evento possibilitou pensar em uma sociedade mais justa, consciente e com uma perspectiva humanizada, apoiada no princípio de uma universidade pública e para todos/as/es.

Palavras-chave: Transexualidade. Mercado de trabalho. Ambiente educacional.

INTRODUÇÃO

A presente comunicação intenciona apresentar o que foi o evento “Semana Nacional do Livro e Biblioteca” (SNLB), organizada pelo Sistemas de Bibliotecas da Universidade Federal de Uberlândia (SISBI/UFU) no ano de 2018. O tema foi: "Trans Cores (IN)visíveis: a invisibilidade Trans nos espaços educacionais e de trabalho formal".

O objetivo desta comunicação é o de apresentar o que foi a SNLB/2018, assim como as atividades realizadas e o impacto que o evento teve junto à comunidade UFU. As

¹Mestra em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU, rosilaine.silva@UFU.br;

²Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia. guilhermeugg@gmail.com.

atividades realizadas ao longo da semana buscaram discutir sobre o cotidiano de pessoas travestis e transexuais em espaços educacionais e de trabalho formal, assim como os desafios enfrentados na busca por visibilidade e pertencimento social.

É importante lembrar que algumas instituições atuam como “guardiãs das normas da matriz cis/hetero/normativa” (BENTO, 2008, p. 29), a universidade pode ser entendida como uma dessas instituições. Dessa forma, propiciar espaços de discussão que busquem promover o respeito à diversidade, à igualdade e à equidade das pessoas travestis e transexuais é fundamental para que se produza conhecimento que não esteja pautado na hetero/cis/normatividade. Além disso, reflete-se sobre políticas e ações institucionais e sociais que visam ampliar a garantia de direitos e transformações socioculturais na busca por uma sociedade justa.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a de análise documental, que conforme Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5), “[...] um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”.

Para acessar as fontes, recorreremos aos registros que estão disponíveis: na página do Facebook³ do evento; em eventos.ufu⁴; no site do SISBI⁵ e em arquivos da equipe organizadora do evento. Todo o material localizado foi analisado, no sentido de entender como o evento se constituiu, quais foram as discussões e os questionamentos provocados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Iniciamos discussão explicando que o entendimento sobre gênero está pautado nos Estudos Pós-Estruturalistas. Entendemos que gênero é uma construção socialmente constituída e inscrita nos corpos. (ANDRADE 2012; BENTO, 2008; BUTLER, 2016; FOUCAULT, 1999; LOURO, 1997; OLIVEIRA, 2017). Assim, entendemos que as corporalidades travestis e transexuais são também expressões de gênero legítimas, que se apresentam como questionamento a norma hetero/cis/normativa. E são a confirmação de que a definição de gênero pelo sexo, trata-se de convenção social que visa a dominação e regulação.

³ <https://www.facebook.com/events/1916361768447991>

⁴ https://eventos.ufu.br/sisbi/semana-nacional-livro-biblioteca/2018/10?fbclid=IwAR0fD3ad2waZj9n1rMwRGVvsTBtdLU4wap_8TQtkkXOKEHpSQzwEROo5JoM

⁵ <https://bibliotecas.ufu.br/acontece/2018/10/3a-semana-nacional-do-livro-e-da-biblioteca-sisbiufu-2018>

Dessa forma, a oportunidade de trazer essa temática para ser discutida dentro da universidade, com pessoas que são referências possibilitou a construção de uma “trans-epistemologia” (YORK; OLIVEIRA; BENEVIDES. 2020, p. 3). Isso deixa claro a potência, importância e a necessidade de se promover espaço de diálogos e se pautar cada vez mais esse tipo de discussões.

Ao se problematizar essas questões dentro do espaço acadêmico, estamos contrapondo a hetero/cis/normatividade e conseqüentemente desvelando o sistema de práticas sexistas, machistas, misóginas, xenófobas e as demais formas de disseminação de opressões, violências e preconceito. Nessas discussões estamos buscando mudança de comportamento social, reflexão e pensamento para não mais gerar violências e discriminações. (BENTO, 2008; LOURO, 1997).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A SNLB/2018 contou com uma programação bem diversa para dialogar sobre a temática da travestilidade e transexualidade. Nas Bibliotecas Setoriais e Central, conforme estão organizadas nos *campi* da UFU, foram realizadas ações com a presença de corporalidades travestis e transexuais contribuíram com as discussões acerca da temática. Foram realizadas as seguintes atividades:

- Mostra itinerante de bandeiras LGBTQIA+;
- Sarau com apresentações artísticas;
- Cine Doc;
- Roda de conversa;
- Mesa redonda;
- Cursos profissionalizantes;
- Lançamento do calendário.

As atividades realizadas durante a SNLB/2018 foram importantes haja visto que conforme apresenta o Dossiê ANTRA, “estimamos que cerca de 75% da população não conhece, teve contato ou se relaciona socialmente ou em seu cotidiano com uma pessoa trans” (BENEVIDES, NOGUEIRA, 2021, p. 38). Por esse motivo, ter pessoas travestis e transexuais da UFU e de fora falando sobre suas vivências é uma forma de se criar referências para que outras pessoas que assim se reconheçam possam se apoiar.

É importante ressaltar que o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo e ocupa essa posição há 11 anos. Infelizmente essa realidade é uma consequência da hetero/cis/normatividade, que atua como reguladora dos corpos. O dispositivo da sexualidade



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

(FOUCAULT, 1999) se vale do sexo biológico para determinar o que é normal ou não, assim é necessário se ter relações de coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, como posto por Butler (2016) para ser aceito dentro de uma “normalidade” no meio social.

Pessoas travestis e transexuais são rotuladas por não cumprirem o que tal norma impõe como padrão. Assim, a “sociedade rotula e trata a pessoa que se traveste exclusivamente como travestis, esquecendo-se que, em primeiríssimo lugar, ela é pessoa e cidadã como todo mundo” (LANZ, 2014, p. 124). Toda a humanidade que existe nestas pessoas é tirada, tornando sua identidade social o eixo central de toda a sua história e o único núcleo definidor.

Quando pautamos a discussão sobre inclusão de pessoas travestis e transexuais em espaços educacionais e de trabalho formal, estamos pautando a possibilidade de devolver a humanidade a essas pessoas das quais, historicamente e reiteradamente, continua sendo retirada. A RedeTrans apresenta o seguinte dado: 82% das travestis e mulheres trans que abandonaram o Ensino Médio entre os 14 e os 18 anos e dessas 90% recorreram a prostituição como forma de sobrevivência (RedeTrans, 2021). Já a ANTRA (2020) informa que apenas 0,02% das pessoas travestis e transexuais estão na universidade.

Acessar o mundo de trabalho formal sem a mínima qualificação é um empecilho para que essas pessoas possam se estabelecer socialmente. Uma parcela muito pequena finaliza o Ensino Médio e acessa a universidade, e dessas uma parcela ainda menor finaliza a graduação se posicionando com curso superior no mundo do trabalho formal. Para a pesquisadora travesti Luma Andrade, o que ocorre é uma “evasão involuntária” (ANDRADE, 2012, p. 247), em muitos momentos devido a série de marcadores que estas pessoas estão inseridas são obrigadas a fazerem escolhas e a formação educacional acaba por ser deixada para um outro momento. Junto a isso, temos a falta de estudos, políticas ou programas voltados para a permanência estudantil de pessoas travestis e transexuais.

Além disso, existe outros marcadores sociais que cercar essas vivências. Como posto por Oliveira (2017), são múltiplas as combinações de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia que estão presentes na vivência de estudantes LGBTQIA+. Para além disso, o “reconhecimento político, econômico e social foi (e continua sendo) lento e descontínuo” (BENTO, 2014, p. 167). E todos esses fatores atuam para que sua permanência em certos espaços seja impossível para essas corporalidades.

Portanto, entendemos que as ações empreitadas durante a SNLB/2018, contribuíram para que essas discussões pudessem ser efetivadas dentro da universidade. Possibilitando que a militância, a produção acadêmica, a vivência e a representatividade travesti e trans pudessem invadir estes espaços que sempre foram limitados a hetero/cis/normatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A SNLB/2018 teve um papel muito importante para o SISBI e a UFU, pois contribuiu para que as discussões urgentes fossem efetivadas dentro da universidade. Ter presente neste espaço representantes da militância nacional, regional e local possibilitou a transformação e a ruptura com estruturas transfóbicas e de exclusão que permeiam o espaço universitário.

Ao se trazer símbolos, artistas, filmes, documentários, falas e outras possibilidades de representação, propiciou o reconhecimento e a afirmação de cidadania, dando visibilidade a essas corporalidades que são tão diversas. Questões importantes como as de raça, classe, sexualidade, religião, trabalho sexual e política social afirmativa são discussões muito atuais e que permeiam a realidade de pessoas travestis e trans.

E o mais importante é que esses assuntos todos foram pautados a partir do universo e por pessoas travesti e trans, que puderam narrar suas experiências, vivências e as lutas enfrentadas para existir. Em vários momentos e de diversas formas estas pessoas puderam se expressar, fazer trocas de experiências e estratégias de resistências pelo reconhecimento nos campos afetivo, político e cultural.

Portanto, entendemos que o evento propiciou ao seu público e para as pessoas que participaram na construção e efetivação das atividades, o reconhecimento político, econômico e social que pessoas travestis e transexuais tem. Oportunizou ainda a humanização destas corporalidades, que em muitas vezes são tratadas como anormais e colocadas à margem daquilo que é tido como padrão ideal de sociedade.

A SNLB/2018 foi um momento ímpar na história do SISBI/UFU. Ao romper com a norma e abrir este espaço para que discussões tão importantes fossem pautadas, cumpriu com seu objetivo institucional de formação social e educacional. E possibilitou a ampliação da discussão acerca da construção de cidadania, da dignidade e da visibilidade para pessoas travestis e transexuais. Por fim, promoveu o respeito à diversidade, a busca por uma sociedade tolerante, justa e para a formação de cidadãos mais conscientes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 84.631, de 12 de abril de 1980. **Institui a "Semana Nacional do Livro e da Biblioteca" e o "Dia do Bibliotecário"**. Brasília, 9 abr. 1980. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=229306>>. Acesso em: 01 de julho de 2018.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas.** Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, jul., 2009.

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola:** assujeitamento e resistência à ordem normativa. 2012. 278 fls. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação, Fortaleza, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7600>. Acesso em: 18 jan. 2021.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

BENTO, Berenice. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. **Artigos Contemporânea.** v. 4, n. 1, p. 165-182, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/197/101>. Acesso em: 18 jun. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente:** (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 2017. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47605>. Acesso em: 25 nov. 2021.

REDE NACIONAL DE PESSOAS TRANS DO BRASIL. **Dia do Trabalhador:** Rede Trans Brasil traz ação para empregar pessoas trans. Disponível em: <http://redetransbrasil.org.br/2021/05/01/dia-do-trabalhador-rede-trans-brasil-traz-acao-para-empregar-pessoas-trans/#more-1913>. Acesso em: 21 jun. 2021.

YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travestis. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 28(3), 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/75614>. Acesso em: 17 mar. 2022.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa:** a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. 2014. 342 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/36800/R%20-%20D%20-%20LETICIA%20LANZ.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2020. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/36800/R%20-%20D%20-%20LETICIA%20LANZ.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara N. B. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020.** São Paulo: Expressão Popular; ANTRA; IBTE, 2021.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara N. B. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. São Paulo: Expressão Popular; ANTRA; IBTE, 2022.